sem palavras

Heitor A. Chierentin

Título: Sem Palavras
Autor: Heitor A. Chierentin
Ano: 2022
Edição: 1ª

PREFÁCIO

Caro leitor

Penso que toda pessoa deveria escrever sobre si mesma e sobre suas experiências. É uma forma de eternizar as vivências. Ora, a poesia é a forma mais engenhosa, bela e tocante de combinar palavras e sentenças de modo a transmitir pensamentos e expressar sentimentos.

Eu comecei a escrever meus poemas especialmente a partir dos meus 19 anos. Por mais de duas décadas minha poesia passou a expressar os conflitos emocionais de cada fase da vida, cristalizando experiências reais e fictícias, opiniões, desabafo e devaneios criativos ou sentimentais.

Por ordem cronológica, o leitor acompanhará, desde a exposição de situações verídicas a uma viva transcrição de sonhos e desejos de cada época; desde a simplicidade infantil dum coração apaixonado, até composições estruturadas e dramas simbolistas. Experimentará a evolução de minha técnica poética no decorrer do tempo, obtendo uma amostra diversa na combinação de versos e estrofes. Alguns poemas obedecem à métrica rígida e bem definida, mesmo com vários acrósticos. Ainda outros são um tanto disformes e com versos aleatórios. Notará uma composição livre,

onde a forma adapta-se à expressão das ideias. O próprio vocabulário que emprego é vasto e diverso, totalmente coerente com o estilo e propósito artístico de cada poema.

Após algum tempo dedicado à composição literária, ousei a aventura pela música compondo letra e melodia. Uma última seção dessa obra é dedicada às dezenas de letras de canções que compus. Muitas delas se materializaram em produções fonográficas e audiovisuais.

Desejo sinceramente que o leitor, livre de preconceitos e amante da arte, entretenha agradavelmente sua mente em meus versos e abra seu coração às emoções que eles extravasam!

Heitor de Assis Chierentin
09 de setembro de 2005
25 de abril de 2022

ÍNDICE

Poemas

Uma Vida por Um Amor – pg 10
Minha Questão - pg 16
A Seleta - pg 17
Bromélia - pg 18
26 de Abril de 2000 –pg 21
Alfabeto Lúgubre - pg 22
Produto da Genética – pg 23
Estações do Coração – pg 26
Curiosidades Vividas – pg 33
Tempo e Mais Tempo – pg 36
"O Que Queres?" – pg 38
Laboratório de Questões– pg 39
Virtudes e Vícios – pg 42
Quem Dera Você! – pg 44
Era e Já Vai Indo... – pg 48
Quem Sou Eu? – pg 53
Como Cantam Zezé di Camargo e Luciano – pg 56
Jovenzinha – pg 64
Amarelo – pg 66
Sentimento – pg 67
Vale a Pena Amar? – pg 69
Injeção de Saudade – pg 72
Quem Ama, Vence? – pg 74
Amar Não é Preciso – pg 76
Morena do México – pg 77
Arena – pg 82
A Menina dos Meus Olhos – pg 88

Olha pra Mim, Menina! – pg 89
Amigo Sol – pg 90
Seu Eterno Namorado – pg 92
Paixões Geniais – pg 94
O Amor dá Trabalho – pg 115
Talita – pg 119
Te Espero – pg 124
Regozijo Absoluto – pg 125
Conspiração – pg 126
Porto da Vida – pg 128
Olho Mágico – pg 129
O Trem – pg 131
Os Pombos – pg 132
The Doves – pg 134
Logrado – pg 134
Estrela de Cristal – pg 137
Peregrinos no Sonhar – pg 140
Realização – pg 141
Cativante Letargia – pg 143
Jovens Bravos – pg 146
Vivian – pg 148
Hera Silvestre – pg 149
Chuva Confusa – pg 150
Hexágonos da Ápia – pg 150
Eis a Razão! – pg 151
Italiano – pg 152
Torpe Mania – pg 153
Órfãos da Razão – pg 154
Renascida Ave Fênix – pg 155
Sexto Sentido – pg 155

O Beijo – pg 157
Coisa Feia! – pg 159
A Presença da Donzela – pg 159
Dois Corações e uma Vida – pg 160
Problemas... – pg 162
Bicicleta – pg 163
Rosa Coral – pg 164
Moça – pg 167
“Pro Inferno com Tudo Isso!” – pg 168
Os Ratos – pg 169
O Melhor da Guitarra – pg 171
A Espera no Ponto – pg 173
Sem Palavras... – pg 175
Ainda Te Espero – pg 178
Brincando Comigo... – pg 180
As Maiores Árvores – pg 183
Fantasmas Vagabundos – pg 185
I guess that is love – pg 187
Notas de Chopin – pg 188
Voo Encantado – pg 192
Daiane e Heitor – pg 196
Arte – pg 196
Guardião – pg 197
São Teus Olhos – pg 200
Tudo Isso é Você – pg 201
Maçã do Amor – pg 203

Letras de Canções

Canções Populares

Festa de Amor – pg 204
Escrito no Seu Coração – pg 205
São Teus Olhos – pg 207
Donzela – pg 208
Automaticamente – pg 211
Bumerangue – pg 212

Canções Sertanejas

Passa o Tempo – pg 214
Mateiro – pg 215
Junto Com Você – pg 216
Seu Coração Não Sabe – pg 218
Maldade – pg 219
Implorando Pra Voltar – pg 221
Essa Moda Tá na Moda – pg 222
Aliança de Compromisso – pg 224
Inseparáveis – pg 225
Mora em Meu Coração – pg 227
Nunca Se Esqueça – pg 228
Cotovelo Dolorido – pg 229
Mosca de Boi – pg 230
Pra Morrer de Amar – pg 232
Para Um Pouco Pra Pensar – pg 233
Moda Boa – pg 234

Canções Infantis

A Gatinha – pg 236
Pituquinha – pg 236

A Princesa do Castelo – pg 237
Gato e Sapato – pg 238
Pra Dormir – pg 239
Letra Nova – pg 240
Ninoca Pipoca – pg 241
Pra Papar – pg 241
Passear – pg 242
Evelyn – pg 242
Barquinho – pg 243

Versões de Canções Consagradas

São Amores (Strani Amori) – pg 244
No One Else (Um Dia, Um Adeus) – pg 246
Jamais (Goodbye) – pg 247
Pra Sempre (Mandy) – pg 249

Canções de Rock e Pop

Irmão Contra Irmão – pg 251
Nothing About – pg 252
A Reason to Stay Alive – pg 254
Something You Saw – pg 255
Adrenaline – pg 256

Poemas

Uma Vida por Um Amor

Era uma vez,
Uma história, um revés,
Numa árvore cantava um lindo rouxinol.
Mas seu canto cessou,
Pois ao olhar avistou
Um ilustre mancebo no limiar dum paiol.

Era uma vez,
Só uma jamais,
Um fato qualquer como outros iguais.
Ao rapaz se mostrou,
De seu chorar indagou.
Por que motivo a carência da paz.

Uma casta donzela,
Sem nenhuma tão bela,
Em seu cortejo pretendia agradar.
Procurava uma flor,
Em vermelho a cor,
De sua amada o favor granjear.

Só havia uma rosa
Pouco ou nada lustrosa,

Que ausente de forças se pôs a murchar.
Pretendia na prosa
Encontrar a resposta,
De seu dilema uma solução ele achar.

Em plena palestra,
O rouxinol só pensando.
Volta pro seu galho
No caso meditando.

Pensando no grande amor
Do distinto casal:
O gatilho era a flor
Semimorta no quintal.

E voando até esta
A decisão ia tomar.
Agiria depressa
Para a rosa reanimar.

"Vale mais rouxinol morto
E grande amor manter-se vivo.
Com minh'alma pouco importo,
Ajudarei o meu amigo."

Para unir um grande amor
Escolheu seu sacrifício,
Dar sua vida para a flor,

Felicidade a seu amigo.

Sem hesito se lançou
No caule espinhado.
Seu tórax esburacou
De tão forte o impacto.

Seu sangue, sua vida,
Pela planta absorvida,
Reascendeu a força e a fez muito linda...

Ao dar uma volta
Com êxtase parou.
O jovem teve visão,
A exuberância reparou.

Lá jazia a esperada rosa!
E do seu lado o rouxinol caído.
E o jovem, fascinado,
Nem enxergou o pobre amigo.

Mas levou a bela flor,
À donzela apresentou.
Com tal prova de amor
O coração dela apaixonou.

Tão amplo foi o sorriso;
Esperado, era um quinhão!

A beleza desse riso –
Para ele um galardão!

Ela pra casa a flor levou,
Num vaso de água foi deixar,
Dedicando tal carinho
Para a flor não definhar.

Então a água avermelhou
E, pela cor reconhecida,
Em aspecto apresentou
Ser o fluído duma vida.

Mas não era seiva, senão sangue.
E, em sua mente pouco infante,
A decepção se acrescentou nesse instante...

Em seu charme correndo,
A notícia trazendo,
Ela conta ao rapaz o incidente.
Perplexo se viu.
Sua mente se abriu.
Imaginou um provável acidente.

Talvez um animal
Por um trajeto mal
Com o forte caule sem querer se chocou.
Foram ver no quintal

E o fulano de tal
Espreitado por um bichano se achou.

Expulsaram o felino gatuno.
Faminto e frustrado, aquele ornicida
Aproveitar-se-ia dum moribundo,
Faria dele refeição e comida.

Observando o pássaro
Tão machucado e ferido,
Reconheceram-no mártir,
A tragédia do amigo.

"Jovens, caras-metades,
Por que motivo invades
Meu sereno consultório?"
Indaga-lhes calmamente
Da visita bruscamente
Feita ao bom veterinário.

Explicando ao doutor
O acidente com a flor,
Prometeu-lhes as feridas curar.
Muito embora atingido,
De coração ferido,
Seu peito iria operar.

Já no leito, depois de operado,

E aguardando recuperação,
O casal o tendo visitado,
Contou-lhes a anterior decisão.

Os jovens saíram chocados
Com tal grande prestimosidade.
Doravante um tanto magoados,
Viram nele um amigo de verdade!

Foi nessa mesma vez,
Aprendeu-se de vez
Com humildade uma grande lição.
Adolescente falou,
Lógica apresentou:
"Vida imperfeita não salva nada, não".

O que ele fez
Não agradou ninguém,
Matar-se para satisfazer alguém.
"Te queremos bem vivo,
Com sinceros sorrisos,
Vê-lo cantando é que nos faz bem!"

Após aprender a lição o rouxinol ganhou do Criador belas plumas, mais belas do que as de sua penugem original. Estas esconderiam as cicatrizes em seu peito, até que um dia essas também desapareceriam. Afinaram-lhe, também, ainda mais as pregas vocais.

Agora, como se tivesse toda uma orquestra na garganta, o pássaro silvestre encanta os recém-casados com seu repertório de melodias sertanejas.

Cada manhã ensolarada, ele torna romântico e alegre o clima do belo sítio interiorano.

Outubro de 1999

Minha Questão

Eu só numa casa vivi,
Só uma residência conheci,
Da embriogênese à maturidade.
Tinha muitos defeitos.
Mas nós, satisfeitos,
Apenas nela nos sentíamos à vontade.

Mas o perfeccionismo pedia mais.
E esse desejo que nada satisfaz,
Sempre me gerando a toda hora
A vontade de dela ir-me embora.

Longe à venda um belo casarão,
Um lar perfeito,
Sem nenhum defeito.
E de obtê-lo haveria condição.

É um dilema grande
Para um errante "eu".

"Poderíamos comprar aquela casa na fazenda. Ah! Como seria bom! Tem tudo: espaço, conforto, iluminação, mobília requintada e jardim."

"Mas algo me impede. Sabe, minha atual casa, como poderei deixá-la? Nasci e cresci nela. Parece ideal. Tudo já está onde preciso. Nada como 'a casa da gente'..."
"Mas minha casa é tão pequena, sempre em reforma, há anos. E, além do mais, veja onde está situada: periferia!"

"E agora? Eu quero cara ou coroa? É hora de decidir. Se não fosse o perfeccionismo... Digo: o ideal ou a perfeição. Eis a minha grande questão. Seja lá o que eu escolher, sei que isso mudará para sempre o rumo da minha vida."

"A perfeição é sempre o ideal, mas o ideal nem sempre é o perfeito."

Meados de 1999

A Seleta

Por muitos anos esperei
A ideal ou a perfeita.

Finalmente te encontrei,
Das demais a tão seleta.

Foi num estalo, num breve instante,
E minha vida se fez completa.
O seu olhar profundo e brilhante
Cortou o meu peito feito flecha.

Como segurar uma emoção
Há anos reprimida aqui no peito?
E como conter esse coração
Que assim se dá por satisfeito?

Pois sua voz me soa como melodia,
De vida ela provoca efusão.
Quero ouvi-la todo dia.
Timbra-me as notas da paixão.

Meados de 1999

Bromélia

Eu tinha uma pequena flor
Com um nato defeito na raiz.
O tempo aos poucos se passou
E se teve um resultado infeliz.

Mal pude eu lhe reparar
E a frágil flor se definhou.
Mal cuidei em lhe ajudar
E ela inteira se secou.

Pobre flor de estimação,
Na qual por tanto tempo me alegrei!
Embora ferido até a alma,
Me contive e não chorei...

Então ganhei uma bromélia.
A conquistei com meu suor.
Aprendi a cuidar dela
Com um bom floricultor.

"Plantas gostam de conversa,
De alguém pra lhes regar",
Por isso eu falo bastante,
Para esta não murchar.

Deus ajude essa minha planta,
Que dela desabotoe nova flor.
Que um futuro lhe garanta,
Pois, ai de mim se ela se for...

Nem que eu tenha de regá-la dia e noite,

Conversar com ela noite e dia,
Lutar contra as enxadas, tesouras e foices,
Far-me-ei sempre a sua companhia.

Regá-la-ei com minhas próprias lágrimas.
Porei meu corpo ao sol a sombreá-la.
Mexerei no estrume para lhe adubar
E com meu carbono hei de alimentá-la.

Deus ajude essa minha planta,
Para pecíolo algum se desfazer.
Jeová abençoe a minha bromélia,
Não deixe seu copo enfraquecer.

Se for preciso subirei ao Everest
ou atravessarei o Pacífico a nado.
Rastejarei por todo o Agreste,
Mas carregando-a do meu lado.

Jeová Deus certamente tratará
Com carinho a bromélia querida,
Para que ela não se vá
E com ela minha vida.

Novembro de 1999

26 de Abril de 2000

Ao meu amigo na alma, Sam

Uma das maravilhas na vida é contigo conversar.
E isso, a meu ver, por si só é uma providência.
De tantas e quantas coisas deleitamos em falar,
Que ultrapassam mesmo os limites da eloqüência.

Falamos de Jeová, de seu Cristo e do ministrar;
Da Organização e do progresso espiritual em essência;
Parolamos pelo imenso Universo a perscrutar;
E vendo a infinidade duma partícula/freqüência.

Sistemas, o caos, problemas, maus, emoções e garotas,
Tudo se mistura numa salada por nós compreendida.
A mesma língua, as mesmas perguntas, as mesmas respostas.
E no que tange à incansável pugna por nós empreendida,
A que pela eternidade nossas almas estejam dispostas,
Por amor e graça divinos se nos dê a eterna vida.

De seu amigo, de alma sã.

26 de Abril de 2000

Alfabeto Lúgubre

A vida prossegue afrontada.
Burlamos as leis da morte.
Cada esquina, e em cada avenida,
Discorre agourando a má sorte.

Enigma este que eu mesmo descobri.
Falo e disso vos acautelo.
Gingando dela lá e aqui,
Hades nos seguindo a cavalo.

Isolados grupos de savanos gnus,
Já visados por sórdidos urubus.
Luto para manter-me em vigília.
Mesmo do imprevisto que nos acomete
Nas mãos do acaso, a mim compete

Orar a Jah, nossa fonte de vida.
Perigo no silêncio do ali,
Que até no ruído mais próximo,
Rapidamente pode vir aqui,
Senão lentamente em seu horário.

Tenho me concentrado além,
Um grande mistério para mim.
Valorizo minha vida também,
Xadrez complexo e sem fim.

Zippy, but with high precaution.
Yes, I want to be a secure man!
Ward my life with very attention.
Know, yes, to flee from the common end of the men.

Meados de 2000

Produto da Genética

Um produto da genética,
Aritmética,
Um jogo de dados.
Dominamos o mundo,
Dominamos tudo,
Mas somos dominados.
Eis-me, feito do pó,
E disto só
Uma porção de matéria.
Apetece-me ser especial,
Individual,
Uma grande quimera.

Nem a nós mesmos controlamos.
Agimos resultantes a uma tendência.
Situações controlar nós buscamos
E damos tino à impotência.

Todas as minhas ações são previsíveis
Em matemática determinística,
Meus movimentos no jogo visíveis,
Sina esta de mera estatística.

"Como se parece com seu pai!"
"É o próprio avô escrito."
Tal é a dureza que me cai,
Incendiando-me um conflito.

Não quero a ninguém parecer,
Assemelhar virtudes e vícios,
Antes a liberdade de viver
E variar todo o propício.

Não quero estar preso ao passado,
Nem ter que itinerar um futuro.
Talvez um dia seja revelado
Esse segredo a mim obscuro.

Não pretendo repetir os erros
E as inclinações de meus ancestrais,
Respeitar passos e termos,
Antes avançar sempre mais.

Ser preparado numa biofôrma
Me parece abominável.

Má formação me transtorna,
Faz de mim um miserável.

"Quem me resgatará do corpo
Que está submetido a esta morte?"
Quem me modelará novo
Redefinindo toda a minha sorte?

Graças a Deus, o Santo,
E Seu espírito santo,
Poder além do normal,
Que nos filtra o que não presta
E o que resta
Torna especial.

Faz-nos tesouro caro
Em vasos de barro,
Nova personalidade.
Ser imagem de Deus,
Como filhos Seus,
Isso é liberdade!

Meados de 2000